La Voix du Peuple
Bourse du Travail
3 Rue du Chateau d'Eau
Paris

Anno I — S. Paulo, 5 de Dezembro de 1903 — Num. 3

CORRESPONDENCIA:
á sede da Liga
Rua Marechal Deodoro N. 2
S. PAULO — Brasil

O CHAPELEIRO

A exploração capitalista está baseada sobre a ignorancia e a desunião dos trabalhadores

Orgam da LIGA de RESISTENCIA entre Chapeleiros e Annexos

DEFENSOR DA CLASSE CHAPELEIRA E DO OPERARIADO EM GERAL

França
Int. Institut
Soc. Geschiedenis
Amsterdam

RELATORIO

DOS TRABALHOS EXECUTADOS PELO

Congresso Internacional

-)—(-

Traduzimos do *Cappellaio*, orgam da Federação Italiana dos Chapeleiros, a relação dos trabalhos do Congresso Internacional da Chapelaria, para mostrar a actividade desenvolvida pelos nossos companheiros da Europa e da America do Norte e para incitar, com o exemplo, os brasileiros a organizar-se, afim de que no proximo congresso tome parte activa a *Federação Sul Americana dos Chapeleiros.*

—

O Congresso Internacional dos Chapeleiros, reunidos em Bruxellas, numa sala da *Maisou du Peuple*, resultou verdadeiramente proficuo e imponente. Essa importancia deprehender-se-á da rapida resenha que delle vamos fazer.

Estavam representadas as seguintes nações:

America do Norte — Martin Lawlor, que não chegou a tempo;
America do Sul (*Brasil*) — Mme. Espanet;
Austria-Hungria — Gabriel Podrawscki;
Belgica — L. Fraikin, Jean Bergmant Martin Bertrand, Victor Martins, Aubert Dans;
Boemia — J. Espanet;
Dinamarca — A. Metzschké;
França — August Allibert;
Allemanha — W. Hinzel;
Inglaterra — Tomás Mallalieu;
Italia — Ettore Reina:
Rumania — Karl Sekirnjak:
Hespanha — A. Bouanchaud;
Suissa (*Genebra*) — Paul Delon;
« (*Wädensweil*) — Paul Roduner.

—

Na primeira sessão, sob a presidencia do collega L. Fraikin, nomearam-se secretarios A. Allibert e K. Sekirnjak e a commissão para a verificação dos mandatos nas pessoas de Podrawski, Metzschké, Mallalieu, Reina, Martins, Delon, Allibert.

A verificação foi minuciosa e concluiu com a admissão de todas as delegações, tendo a Inglaterra formalmente aderido á Federação Internacional, e deixou para o Congresso a definição dos mandatos da Suissa, onde existem dois sindicatos, fixando-se que apenas seria valido um voto por nação, e admittindo-se só com voto consultivo o companheiro Foucaillet, enviado pelo dissidente syndicato dos trabalhadores em fantasia de Paris.

Segunda sessão, presidida por Metzschké.

Allibert e Reina, secretarios da commissão para a verificação dos mandatos, dão leitura do extenso verbal e das resoluções tomadas.

Entra-se em seguida na questão da Suissa. Na Suissa, como é notorio, existe um sindicato em Genebra, outro em Waedensweil, onde ha tambem uma filial da Federação Germanica, e pequenos grupos na Suissa romanica, hoje agregados á Federação Italiana.

A discussão, longa e vivacissima, em que se ventilaram varios projectos: a adesão dos chapeleiros francezes, alemães e italianos ás respectivas Federações, a constituição d'uma Federação Suissa, etc., não pôde ser encerrada na sessão.

—

Terceira sessão, sob a presidencia de Reina.

A discussão reacendeu-se vivissima sobre a questão suissa, e findou com a approvação d'uma ordem do dia Metzschké-Espanet, com a qual, affirmado novamente dever, em cada nação, surgir a respectiva Federação, e deverem os operarios aggregar-se á Federação do paiz onde trabalham, se dava mandato ás nações interessadas de se esforçarem para que, tambem na Suissa, surgisse em breve a Federação Nacional.

Passou-se om seguida á questão dos trabalhadores em fantasia de Paris, mas, ouvidas as razões do delegado Foucaillet, o Congresso, approvando uma ordem do dia, Reina, considerava a questão fóra da competencia do Congresso Internacional, e dentro da do nacional francêz, e confirmava ao delegado do sindicato parisiense o voto consultivo simplesmente.

—

Quarta sessão, presidida por Mallalieu.

Foi breve a discussão sobre a questão concernente á Sociedade de chapeleiros de Praga, verificando-se que ella se desligou da Federação Austro-Hungara por questões de quota, o Congresso, em ordem do dia, Kinzel, fazia votos para que se reentrasse na sua Federação, sustentando depois lá, quando lhe aprouvesse, as suas propostas.

Com simples voto consultivo foram tambem admittidos ao Congresso dois delegados d'um sindicato de Bruxellas que, só então, declarava aderir á Federação Belga.

O secretario internacional Espanet, apresentou em seguida um relatorio dos trabalhos effectuados pela Federação Internacional, depois do Congresso de 1900, mostrando os bons resultados obtidos; em quanto então e[illegible]tro as Federações aderentes, hoje são 12. O Congresso, unanimemente, louvou o secretario e a commissão internacional.

Tambem o relatorio financeiro, que acusa um estado satisfactorio da caixa, obteve a approvação geral.

O Congresso passou a occupar-se em seguida dos relatorios das Federações Nacionaes.

BELGICA. — Conta cerca de 650 socios, entre os quaes cerca de 50 mulheres; pagam 50 centimos por semana: trabalha-se 10 horas diarias; os salarios são de cerca 60 centimos por hora; vigora o trabalho por obra: ha tambem fabricas de chapeus de lã, mas poucos dos seus operarios estão organizados.

—

Quinta sessão; preside Podrawski.

Prosegue-se nos relatorios das Federações Nacionaes.

ITALIA. — O delegado Reina resume as partes principaes do relatorio preparado pela Commissão Central para o congresso de Turin, e dá amplas explicações sobre os salarios, horarios, etc. O relatorio é vivamente applaudido.

FRANÇA. — Os socios são cerca de 2.200; a Federação tem um capital social de cerca de 14.798 francos. As operarias organizadas são cerca de 450; as quotas federaes são de 15 centimos para os homens e 10 para as mulheres, por semana; 10 a 10 1|2 horas de trabalho; salarios, 40 francos por semana; em Paris, as mulheres são pagas como os homens; a Federação conta 32 secções; os chapeleiros em lã (fabricas em Nogent-Notron, Chazelles, Pontenay le Comte, Chalabre, Opuillan, Limours, Esperaza, Louhans, Bart), estão quasi desorganizados.

ALLEMANHA. — 44 secções, 3.600 socios approximadamente; a mais bem organizada.

INGLATERRA. — Cerca de 3.030 socios. Despesas, para greves, 88.000 francos, para desoccupados 8.125, para doentes 63.325, para funeraes 20.000; tem um patrimonio de.... 235.225 francos.

RUMANIA. — Poucos socios, cerca de 87; pessimas condições; aos desoccupados dão-se 12 francos semanaes; aos doentes, 15.

DINAMARCA. — Fundado em 1806 o primeiro syndicato; horas de trabalho, 9 a 10; em 1901 fundou-se a Federação; 154 socios.

E' difficil a organização da Suecia e Noruega. A Russia tem apenas uma Sociedade Mutua, sendo prohibidas as organizações de resistencia. — Por proposta Reina-Metzschké, o Congresso enviou uma saudação cordial e 50 francos aos chapeleiros russos, que tinham então uma gréve.

ESPANHA-PORTUGAL. — 1986 socios; 20 secções; fundo de caixa, 1 franco, 02; quota, 15 centimos semanaes os homens e 10 as mulheres; não foram ainda postos em pratica os soccorros aos passantes; subsidios de 7 francos semanaes em caso de gréve.

—

Sexta sessão; presidente, Delon. Prosegue-se nos relatorios.

SUISSA. (WAEDENSWUEIL) — Cerca de 25 socios; despesas para o soccorro mutuo, 1.850 francos; 1 fr., 55 por dia de subsidio, durante 4 mezes, aos doentes; despesas para subsidios de viagem, 500 francos; 1 franco diario aos desoccupados; despesas para gréves, 150 francos; capital, 3.400 francos; quota, 75 centimos semanalmente; salarios, cerca de 50 francos por quinzena; 30 operarios desorganizados.

SUISSA (GENEBRA). — 120 socios; quota 50 centimos mensaes; salario 4 francos diarios; 10 horas de trabalho: nenhum augmento para as horas extraordinarias.

BRASIL (1). — 100 socios em S. Paulo, 100 no Rio de Janeiro; capital 304 francos; organização iniciada pelos operarios italianos; 12 horas de trabalho; salario 50 francos por semana.

AUSTRIA-HUNGRIA. — 10.236 operarios, organizados; quotas de 24 centimos a 1 franco por semana; aos doenres 1 fr., 60 por dia durante 78 dias; durante o mesmo tempo, 2 francos diarios aos desoccupados; aos viajantes, 1 fr. diario; em 1901, capital 211.225 francos, e 228.909 em 1902; despesas para gréves, 7.600 frs.; enviados ao extrangeiro, 1.003 frs.; para outras profissões, 900 frs.; 2 jornaes: um alemão, que se publica 3 vezes por mez, 2.300 exemplares, outro boêmio, 2 vezes por mez, 500 exemplares; salarios de 100 a 200 frs. mensaes, outros de 30 frs. mensaes; 8 1|2 a 11 horas de trabalho; horas extraordinarias, augmento de 20 o|o; 1340 aprendizes.

Inicia-se em seguida a discussão das propostas apresentadas pela Italia e pela Belgica. A Belgica propõe que se deixem a cargo da Federação em luta os subsidios para a primeira semana e comece a ajuda na segunda, tratando-se de luta para a defesa, e na quarta, tratando-se de novas reclamações; que em caso de apello, as Federações deem di 5 a 10 centimos semanaes, por socio; que o Secretariato dê um subsidio de 1 franco e meio a cada grevista.

A França é contraria á ultima

parte destas propostas, por ser de impossivel realização.

A Italia propõe que, para ter direito a soccorros do estrangeiro, cada Federação deverá ter em gréve, pelo menos um quinto dos seus socios, ou estar em luta ha tres mezes; que o secretariato fixará a quota de auxilio ás Federações não superior a 5 centimos semanaes por socio e durante 4 semanas, decorridas as quaes cessará se não for renovado o apello; que para as greves emprehendidas para obter augmento será necessaria a prévia approvação das nações.

A discussão empenha-se vivissima, sendo inglezes e alemães contrarios a estas propostas.

—

Setima sessão; é presidente Kinzel.

Continua-se a discussão, e approva-se uma ordem do dia Metzschké, estabelecendo que se terá direito ao auxilio internacional nos casos de *look-out* ou quando estejam em greve 15 o|o dos operarios organizados de cada Federação.

Sobre a ordem do dia Reina, para que o Secretariato fixe a quota de auxilio não superior a 5 centimos por socio e por semana, ha 6 votos favoraveis e 5 contrarios. Visto a exigua maioria, approva-se uma moção Allibert pela qual, considerando-se como uma maxima a deliberação, adia-se a questão para o futuro Congresso.

Sobre a questão dos subsidios de viagem approva-se uma proposta Podrawski para que todas as nações publiquem no seu orgam profissional as normas resumidas dos subsidios a que os socios têm direito, e os endereços das secções e logares aonde devem dirigir-se para os receber.

Approvam se tambem as recommendações de Reina para que sejam, por todos, adoptados os livretes em quatro linguas, com o sello internacional.

Approva se depois, por proposta da Belgica e da Alemanha, a publicação d'um boletim estatistico annual, com a obrigação para os secretarios nacionaes de fornecer os dados pedidos e de publicar no jornal os nomes dos traidores.

—

Oitava sessão; preside Bergmans.

Eleva-se a 15 francos annuaes, por cada 100 aderentes, a partir de 1904, a quota de adesão ao secretariato internacional.

Confirma-se como secretario internacional J. Espanet, e como séde da Commissão Internacional, Paris, elevando se a 600 francos annuaes a actual indenização de 300 frs. ao secretario.

Aponta-se ás Federações a obrigação de enviar as proprostas e os relatorios, ao Secretariato, 6 mezes antes do Congresso.

Approva se um voto para a fusão de todos os syndicatos diversos por especialidade de profissão.

Escolhe-se a Alemanha para séde do futuro Congresso Internacional.

Approva se um voto de protesto contra os horrores de Kischineff, na Russia.

ETTORE REINA, *relator*.

(1) Vendo que a parte relativa ao Brasil, é inexacta, occupar-nos-emos do assumpto no proximo numero.

EMANCIPAI-VOS!

Aqui em S. Paulo, além da desgraça — digo assim pelo meu modo de ver — de haver duas associações entre chapeleiros, as quaes vivem com uma vida debil e anemica, ha outra sociedade que eu desconhecia, com o nome de «Sociedade Beneficente 2 de Julho». Foi fundada e é ainda ajudada pelo dono d'uma importante fabrica, com intuitos filantropicos, nascidos do bem que elle quer aos seus subordinados, pela generosidade destes em lhe accumularem o seu grande capital.

E no entanto o chapeleiro, especialmente o ancião, muito habituado á associação, não percebe o mal que della lhe advem, o que não se daria se, em vez de tres associações invalidas, houvesse uma só. Se os socios da Beneficente pensassem com a sua cabeça creio que não ficariam tão indifferentes.

Elles não vêem que se tornam mais escravos, do que são no trabalho. Porquê? interrogarão muitos. Por estarem inscriptos na Beneficente? Não é como as outras? Quem comprehende um pouco os fins das sociedades de officio, responde que não, por motivos de que apontaremos alguns.

O primeiro é que as associassões de officio, entre trabalhadores, devem ser formadas unicamente por elles, sendo excluidos os patrões. E as sociedades, mesmo de soccorros mutuos, que admittem os patrões, porque não estão ainda modificados os estatutos segundo as ideias modernas, ao menos excluem-n'os dos cargos—coisa que não se dá na S. B. 2 de Julho, onde é presidente um patrão.

Outro: as sociedades devem ser dos socios e não apenas do presidente como succede na Beneficente. E haveria muitos outros que deixo á reflexão do leitor, porque seria longo apontal-os. Apenas, para melhor mostrar a ingenuidade dos socios da Beneficente, quero lançar um olhar aos seus estatutos.

Pagina 5:

Toda a pessoa que entrar para o serviço da minha fabrica de chapéus é obrigada, desde que esteja de saude perfeita, a fazer parte da «Sociedade Beneficente 2 de Julho, fundada para os empregados da minha fabrica de chapéus a 2 de Julho de 1881.

João Adolpho Schritzmeyer.»

Magnifico! E' obrigada a fazer parte! Se eu, por exemplo, constrangido pela necessidade, fosse trabalhar nessa fabrica e me oppusesse a essa imposição, teria desgostos... Os operarios assim o querem, porque não protestam; ou são muto ingenuos ou estão muito contentes.

Pagina 7, art. 2:

«O fim desta sociedade é soccorrer aos seus socios effectivos que por enfermidade ou desastre...»

Ou desastre! Eis a ajuda deste patrão filantropo nos desastres do trabalho! Em muitas partes, num caso dessa natureza, o patrão tem de fazer as despesas. Este, com um artigo dos estatutos feitos por elle, sem a minima observação da parte dos interessados, arranja tudo sem custo. Um operario, trabalhando diariamente para o engordar, parte um braço: o beneficente vai á caixa...—de quem? —dos operarios! e tira alguma coisa para a cura. Ah! a caridade patronal.

E dizer que ainda nenhum operario abriu bico, dentro ou fóra! Quem cala, consente—diz o proverbio. Parece que tem razão.

Capitulo 5', art. 20 e 21:

«Terá a sociedade uma directoria composta de: um presidente, um tesoureiro, dois visitadores e um secretario».

«A eleição desses cargos será feita em assembleia geral por maioria de votos presentes e por escrutinio secreto.

Mas onde estão essas maiorias, se por informações colhidas sei que ás reuniões nunca foi um socio? As eleições foram sempre feitas em familia. E como poderia ser doutro modo? Quem ousaria oppor-se ás vontades do patrão presidente, que tem nas mãos a faca e o queijo! Basta olhar os boletins annuaes para ver que os cargos foram sempre occupados pelo patrão, pelo irmão e contra-mestres.

Art. 30:

«Os presentes estatutos poderão ser alterados no fim de cinco annos por indicação do presidente, se assim o julgar conveniente.»

E esta! Por isso, como o presidente que nas condições desta sociedade, tem sido e será sempre o patrão, manda como o tsar, não valem de nada os conselhos e as maiorias: é elle e basta. Novo Luiz XIV em pequena escala, póde exclamar: — «A Beneficente sou eu!»

Trabalhadores! é tempo de acabar com essa autoridade, que só subsiste com o vosso consentimento. Se vos apossardes directamente do fruto de vosso suor de tantos annos podeis utilizal-o muito melhor do que nos simples mil réis diarios, medico e medicamentos em caso de doença, coisa que não basta nem aos solteiros, quanto mais aos que têm familia!

Unindo-vos com as outras sociedades da profissão, obtereis vantagens individuaes e collectivas.

E se de um dia para outro quisesseis, por exemplo fundar uma cooperativa de produção, não o podereis fazer, estando a sociedade e os fundos na mão do patrão.

Emancipai-vos, pois, e como tendes a possibilidade de exigir, reuni-vos em logares particulares, e discuti o caminho a seguir. Mostrai que vos sabeis governar sem necessidade dos donos de fabrica. Tomai o exemplo dos operarios duma fabrica de assucar de Genova, que se achavam nas mesmas, se não em piores condições, mas que souberam tirar das meos do patrão os seus não pequenos capitaes accumulados durante muitos annos de ingenuidade.

Aos socios, que podem exigir, pertence iniciar a luta, em que serão apoiados pelos companheiros por todas as fórmas possiveis.

Pensai que podeis tirar grande utilidade do fruto do vosso trabalho.

Que as minhas palavras não sejam vas — e mãos á obra!

LAMBERTO RAMENZONI.

A nossa proposta

Podemos hoje tornar conhecida dos companhetros a resposta dada pela «Cosmopolita» á proposta que lhe fizemos e que publicamos no nosso numero anterior.

Eil-a:

«Respeitavel Sociedade de Resistencia entre Chapeleiros—S. Paulo:

«Na assembléa realisada no dia 18 do corrente, depois de ampla discussão, não nos achamos contrarios á proposta que nos fizestes, antes ficámos perfeitamente de accordo.

«Por isso deliberamos, considerando que a maioria dos chapeleiros não pertencem á nossa velha *Cosmopolita*, já federada em 21 de Abril de 1903...

«Fazer-vos a proposta de dar vos uma *anistia extraordinaria* de tres mezes, para todos os chapeleiros que se inscrevam nos nossos registos.

«Assim, atingido um numero elevado, poderá discutir-se e fazer-se tudo o que a nossa classe necessita.

«N. B. — Quem quiser inscrever-se poderá apresentar-se todos os domingos das 8 ás 10 da manhã na nossa séde social — largo das Sarzedás, 5.

«P. S. — Poderá gozar-se da citada anistia mediante pagamento de 5$000 reis de joia, fazendo seis meses de noviciado, com exclusão do direito ao socorro de doentes.

Saude e Fraternidade.
O secretario, *A. Paccini*»

—

Companheiros: se lestes a nossa proposta, publicada no n. 2 d'*O Chapeleiro*, estais sem duvida maravilhados perante simillhante reposta! Com quem estamos-nós a tratar? Com gente que tem a cabeça no seu logar e sabe raciocinar serenamente e ver as coisas pelo seu lado justo, ou com homens que... deliram? Vejamos.

Em primeiro logar, companheiros da Cosmopolita, podemos atirmar que não tendes motivos para crer que, se pretendemos fazer da nossa classe um só feixe, o façamos por odio ou desprezo para com as associações existentes entre as quaes a *Cosmopolita*.

A nossa carta de 18 de outubro tornou claro o erro em que caminhais, com uma persistencia digna de melhor causa.

Dizeis-nos que todos os chapeleires se inscrevam, e que quando a Cosmopolita tiver um forte numero de socios se poderão tomar as deliberações necessarias. Mas quaes são para vós os *chapeleiros*?...

Para nós são todos, desde o que trabalha na *suflosa* até á *prensa* homens e mulheres, velhos e jovens. E para vós?...

Para vós — vamos nós responder — são os poucos velhos, homens do passado, que têm as ideias e os sentimentos dos *bugres* que deitavam o laço á locomotiva, fumegante e rápida; são os pequenos capitalistas; os tiranetes, chapeleiros na fabrica e vendeiros em casa.

Não sois de hoje; pertenceis ao passado, que teima em viver, mas que morrerá miseravelmente. Sois, quando muito, gente da Idade-Media, do tempo das *corporações*, estreitas, fechadas, com o seu numero limitado de *aprendizes* especie que está fora de circulação, porque a aprendizágem agora faz-se em poucos dias. Não podeis comprehender as novas formas de associação exigidas pelas necessidades presentes. Não sabeis adaptar-vos ás novas formas de luta; perante a industria moderna, armada de poderosas maquinas, quereis conservar-vos no vosso castello medieval em ruinas. Sereis vencidos.

A maquinaria do industrialismo capitalista expulsar-vos-á da fabrica, substituindo-vos rapidamente pelos *novos chapeleiros*; e ou vós aceitais a solidariedade com estes no terreno da *resistencia* ao patrão, ou sereis vencidos pela concorrencia, expulsos, obrigados a aceitar todas as imposições.

Sois vós que deveis entrar na *Liga*, porque esta ocupa-se das aspirações de toda classe, sem exclusão alguma, ao passo qua

a Cosmopolita é velha nos seus estatutos Se tivesseis realmente intenção de os modificar, deveriais entrar na Liga, cujos estatutos são modernos. A pretenção de que entremos como socios noviços, pagando a joia, é pretenção... fossil.

Esperamos ainda que, todo este trimestte, quereis voltar a melhores sentimentos, entrar em ordo possivel conosco. Senão passado ac esse periopo, faremos disto uma questão internacional, e não nos faltarão argumentos para demonstrar que não tendes direito ao sêlo de reconhecimento adquerido pela circular de janeiro de 1902, e de nada vos pode valer o estardes federados em Paris, com 20 socios pagando por 100, enganando assim o secretario internacional.

Provaremos com documedtos que a Cosmopolita, nunca esteve á frente dum só movimento em favor da classe. Mostraremos quantos esforços tiveram de fazer alguns companheiros conscientes para mandar imprimir os estatutos em portuguaz, porque os italianos da Cosmopolita, constituindo a maioria, queriam fazer aqui duma secção mundial uma sucursal de Italia, á imitação dos alemães, que da sua fizeram uma comandita secreta.

E' chegado o *dia do juizo*... De hoje em diante *quem não está commosco é contra nós*; e quem tiver razões, que as apresente...

Mais uma vez: volte a *Cosmopolita* a considerr sobre o que deliberou. Conforme-se com as regras modernas, apresentadas por esta secção duma federação de toda a classe chapeleira sul-americana.

S. Paulo, 5 de Outubro de 1903.

P. S. Tambem fazemos um *post-scriptum* para dizer que todos os domingos, das 9 ás 11 da manhã, está permanente o conselho da Liga na sua séde—rua Marechal Deodoro 2—1º andar

O conselho administrativo.

A CRISE

E' gravissima a crise que atravessamos: ha algum tempo que as condições da nossa classe pioram dia a dia.

A mão de obra è cada vez mais mal paga; a desocupação aum nta constantemente; a miseria mais triste invade por todos os lados os nossos pobres lares.

E todavia a maior parte dos chapeleiros não tratam de dar remedio a isso, não pr curam sequer os meios de aliviar as já tão triste condições da nossa classe!

E' bem verdade que a miseria e o sofrimento embrutecem o operario, destroem-lhe toda a energia, a ponto de o faz r esquecer a luta pelo proprio b m estar! prova-o o negro quadro, o triste espectaculo da indolencia a que degraçadamente somos obrigados a assistir em S. Paulo, contemplando toda a classe operaria, incluindo os chapeleiros.

A pé, companheiros! Sejamos homens!... Parece-vos justo que devamos suportar a miseria que nos esmaga o esperar a que nos ameaça com braços cruzados ou inertes?

Nã, companheiros! Seria uma infamia da nossa parte, não o devemos fazer. E' tempo de pensarmos TODOS nos meios convenientes de melhorar a nossa pèssima situação. Tados nós sabemos quanto suor e quanta força nos custa o nosso trabalho.

Esperais porventura que o patrão se ocupe da nossa sort- para a melhorar? Pobres iludidos! Crêdes acaso que uma minoria nos prepare o terreno para podermos nós colher os frutos? Não, companheiros: a maioria deve vir combater o monstro que nos explora. Todos unidos, poderemos certamente fazer alguma coisa de bom; em quanto formos poucos e isolados, o patrão poderá à sua vontade explorar-nos e humilhar-nos.

Quando a nossa Liga for tão forte que possa fazer respeitar pelos patrões as suas deliberações, o chapeleiro verá melhorar um pouco as condições em que vive e poderà caminhar para a sua qualidade de homem livre.

Sim, companheiros: só a *união* livre e consciente poderá fazer em fim desaparecer do m ndo a *crise* para instaurar uma sociedade de livres e iguaes.

Spartaco Libertario

Coisas do dia

Não se passa dia que não nos chegue o eco doloroso dos pobres colonos, açoutados até fazer sangue por aquelles ladrões, aquelles barbaros que são os fazendeiros; e todavia não somos capazes de pôr um termo a tanta selvajaria, de revoltar-nos por aquelles desgraçados que vivem pior do que os irracionaes.

Mas, ora! pensar nos outros quando não somos capazes de nos revoltar por causa nossa!

Hoje as fabricas chegaram a ser como galés e algumas piores; nem ao menos se pode trocar uma palavra, assobiar, cantar, etc. Mas, pois que nos agrada falar claro, passamos a explicar-nos, dizendo a quem nos referimos.

Todos deveis conhecer a antiga fabrica de chapeus de Abilio Soares & Cia., hoje do filho e comp., situada na rua Direita. Pois é nessa fabrica que reina a maior tirania que eu conheço. Ali o operario é considerado como um bruto, não é pago como deveria ser, tendo sido diminuida a mão de obra 30 0[0; depois, os algozes, isto é, os *proprietarios* da fabrica mandaram uma carta aos muito humildes lambe-cus, contramestres da fula e propriagem, recomendando-lhes severidade com os operarios e a imposição do silencio, sob pena de forte multa pela primeira vez e de despedida depois. Haveria muito que dizer ainda, mas reservamo-nos para o proximo numero.

Como sabemos que nessa fabrica são poucos os operarios organizados, julgamos a proposito dar-lhes dois conselhos: um é que se associem para defesa e conquista de direitos; o outro é que quebrem a cabeça ao contra-mestre ou personagem similhante que ouse multar por taes insignificancias. Comprehendeis? O que se quer é *união* e *energia*. A' obra, pois, chapeleiros!

***

Se reclamamos que ao operario se dê mais liberdade, ainda com mais força erguemos a voz para que não *se roube* o pouco que elle ganha com tanto custo.

Assim, o sr. Parodi, depois de ter explorado como pôde costureiras e operarios, não se lembrou de, *ao desmontar*, fazer regular bem as contas pelo actual dono da fabrica de chapeos, sr. Dario Del Panta, conhecidissimo rut... perdão! proprietario da *Pensão Artistica* da rua de S. João. Este cavalheiro, ao tomar posse da fabrica da rua General Jardim, não regulou bem as contas com os operarios, e reteve dum 20, d'outro 30 e até 40 mil reis, dizendo que os daria quando recomeçasse o trabalho. Isto foi a 11 de outubro; a 30 do mesmo mez, os operarios ainda não tinham recebido o dinheiro, como pudemos averiguar. Qual a razão disto, respeitavel sr. Del Panta? Então aquelle *tráfico* da rua de S. João não rende bastante para pagar pontualmente aos operarios da rua G. Jardim? Olhe, amabilissimo senhor, que os operarios reclamantes não são precisamente como as pobres mulheres, que a chaga da prostituição enfraqueceu; se a estas falta a força para a rebeldia, áquelles vem de vez em quando uma vontade endiabrada de pôr em movimento os músculos.

Veja que dizemos verdades faceis de provar a qualquer hora; não costumamos falsificar timbres... nem pôr « Fabrica a vapor de *lá* e pelo. » Qual fabrica a vapor de *lá* nem qual nada! Quem vai engulir isso?... Portanto, *lealdade* e nada de querer fazer passar uma coisa pur outra. A corda parte, quando a esticam demais e... seria bom que não tivessemos de voltar ao assunto.

***

Falando de *lealdade* a respeito dos patrões, não queremos significar com isto que todos os operarios sejam os homens mais conscienciosos.

A conduta de alguns deixa muito a desejar, e infelizmente os que mais barulho faziam na associação careceram de firmeza na luta. E' doloroso, mas é assim. Recordais-vos de quanto entusiasmo e quanta energia se mostrava na nossa Liga? Pois bem: os que mais falavam desertaram ou pelo menos eclipsaram-se completamente. Outros censuram o que fazemos e nunca vão á sociedade; outros ainda dizem que nada de bom se poderá fazer por falta de fundos. Nós respondemos que a luta não se faz com capitaes (como outrora), mas com homens conscientes, leaes e firmes, com homens activos, com homens que, entre outras coisas, frequentam a associação, fazem propaganda nas fabricas, fora e por toda a parte e não se mostram tão servis para com os patrões.

Assim é que se conquistam melhoramentos. Depois, ficai sabendo duma vez para sempre: quem é causa do seu mal, que o chore sózinho.

O CRONISTA.

Chapeleiros no Rio de Janeiro

Fabrica de S. Christovão (*Julio Lima*)

E' nesta fabrica, conhecida por *Hotel Livre de S. Christovão*, que se passam os factos mais deprimentes que se têm notado; o operario que para não morrer de fome, vai a ella procurar trabalho, encontra a mais feroz exploração!...

Trabalha um mez inteiro e no fim, depois de passar por *ladrão*, porque é obrigado a despir-se fóra da Fabrica, recebe como recompensa de todos os insultos e de trabalhar como besta 28500 (o patrão faz constar em todo o mundo que dá 15$000!) Os operarios desse *Hotel* têm os seus algozes em conta de tão boas pessoas que fogem de estar em contacto com os das demais casas porque podem offender o seu *De lele*, que é tão boa pessoa que ainda conserva os pobres *diabos* a beberem agua da *celeberrima torneira em cima do mictorio*; a caixa d'agua é um mundo de mosquitos apezar da perseguição da higiene.

Para fazer uma idéa do que são alguns operarios dessa Pensão, basta citar o seguinte facto, passado á sahida da fabrica: Um dia destes, o *Nababo Lima*, deixou cahir creio que propositadamente o guarda-chuva: imaginem o que fizeram uns vinte que estavam nas proximidades! Precipitaram-se sobre a presa, todos queriam ter a suprema ventura de entregar o precioso mimo ao *Divino Cesar!* O que resultou? umas tres cabeças quebradas, e no mais, não sabemos quem teve a dita de ser um *heroe*.

—

Fabrica Souza Machado

Nesta, como nas outras BOAS CASAS onde o operario obtem um miseravel aumento de 10 reis, fáz-se um mysterio para que as outras não façam o mesmo.

O que procuram estes BONS PATRÕES é impedir por algum tempo que se possa fazer alguma *parede*; nós lhes poderiamos dizer que estamos sempre prontos para fazer valer os nossos direitos todas as vezes, que o julgarmos opportuno.

Foi nesta casa onde se fizeram as maiores injustiças, pois como sabem foram despedidos dois *debruadores* sem que até hoje possamos saber o motivo; foi a maior das infamias que commetteram os *taes patrõezinhos*. Na propriagem os taes *José das Aparas* e *Terra da Feira* constituiram-se em verdadeiros *Cains* pois julgam-se tão garantidos que... longe não sei se vem o dia em que se fará uma subscrição, e como agora a pouca vergonha ha de chegar ao seu termo, ha de haver quem tenha pena desses *Miseraveis*.

Foi devido a elles que um bom companheiro foi despedido e com este dois debruadores sem que se saiba até hoje qual o motivo; que fizeram elles? E' como já se sabe: para que os *Aduladores*, os *Tratantes* possam melhor viver na sua posição de *escravos*, é mister que meia duzia de camaradas sejam postos á margem; mas o que estes miseraveis não sabem é que nós os havemos de perseguir por toda a parte.

Na fula' temos uns tantos bem bons; ahi foi despedido um companheiro pelo grande crime de ser um pouco sincero, pois como é natural denunciou os que iam todos os dias á fabrica arrumar a obra para que ella não se estragasse e tambem para dizer quem eram os que davam sessões na Praça do Mercado para podirem aos patrões que os deixassem trabalhar, pois que estavam satisfeitos com os mesmos, pelo modo como os tratam na sua casa; os operarios passam bem, quero dizer, ganham o bastante para

se alimentar, que estão bem *gordos*, para prova vejamos o *Pivot* da classe *Rei Tatu* e o seu pagem sr. Phonographogome.

No proximo numero daremos a publico as intrigas forjadas por estes dois *Santos* para pôrem na rua o companheiro Alves dos Reis, e tambem os nomes dos que na ultima greve mandaram chamar a policia para os acompanhar á fabrica, pois que os companheiros lhes queriam bater: tão *valentes* e tão *cobardes* estes *velhacos!*

—

Casa Costa Braga

Nesta só temos que dizer que é mais especial devido á Propriagem pois que, além do homem das 9, existe o companheiro Sampaio que não podendo estar mais tempo sem os brilhantes no ultimo movimento teve que ir offerecer-se e mais 9 entre os quaes estava o *melhor official da Casa* (por ser tão bom foi agraciado com a baixa em seu ordenado).

Um homem que deve ser recommendado á posteridade é o *Luiz Cabelleira*, pois é tal a arrogancia deste miseravel que acobertado pelo servilismo de meia duzia de operarios, vive a dar couce todos os dias; é um verdadeiro senhor de *Fazenda*, pois é tal o seu procedimento que nos parece impossivel que operarios, homens livres possam tolerar este monstro!

Resta-nos todavia uma consolação: emquanto Sampaios e Albertos e outros de igual jaez continuarem assim fazendo, ainda ha companheiros com um pouco de dignidade que não os podem tolerar e lavram seu protesto contra este miseravel que dá pelo nome de *Luiz Cabelleira* contra-mestre da propriagem: que os nossos companheiros tomem cuidado — não vão trabalhar ás ordens deste verdugo que é um senhor de Fazenda.

—

Fabrica Manoel de Araujo

Os operarios da propriagem desta casa *nobre* onde impera o *espiritismo (é um reclame em favor desta seita:* aqui quem quizer tem trabalho; tem de ser da *irmandade)* têm de todas as noites, ao sahir da fabrica, ir até á casa do mestre, que é o Presidente da *seita;* uma vez ahi chegados, o porteiro, que é nem bom nem mau, *Chaves* manda que qualquer que seja não perturbe o silencio sob pena de ser expulso da fabrica da seita. Na greve, elles deram uma grande sessão: serviu de *medium* o Cesar, o mestre mandou que cada qual se concentrasse, e feito isso manifestou-se o espirito de *Judas* e os aconselhou que abandonassem os companheiros e fossem trabalhar. Com certeza era irmão muito bem orientado, que mandou o *crente Netto*, para querer dar tiros em todos, para saber quem foi que o chamou *traidor* pelas columnas do *Chapeleiro;* era melhor que desse estes tiros de gârrucha no *irmão* que o mandou abandonar os companheiros na lucta e junto com outros *trabalhar escondido*, quando era seu dever ser serio com seus companheiros e não querer ajudar o *patrãosinho;* todavia o companheiro não pode negar que emquanto houver uns tantos como vós ha de haver uma grande parte de officiaes que vivem na maior miseria sem trabalho, porque emquanto uns tantos trabalham demais, os outros não têm que fazer. Ora veja se os taes que o companheiro julga maos fazem destas cousas?

—

Fabrica das Mangueiras

Aqui cheira a santidade: este bom patrão já esqueceu que «é mais facil passar um camello pelo fundo de uma agulha que um rico se salvar.»

A entrada nesta fabrica é ás 6 1|2 horas da manhã e a sahida ás 5 1|2 da tarde, e como o trem passa de manhã ás 6-20, principia-se áquella hora, e como á tarde passa o trem ás 5-40, para que o pessoal não esteja parado na estação, e tenha mais descanço, trabalha-se até aquella hora, justamente até á passagem do trem. O S. Luiz não acha justo que os operarios estejam 10 minutos na Estação, elle que é tão trabalhador; já foi delegado na greve, e prestou tão bons serviços que foi agraciado pelo papa, com a commenda de Benemerito da Ordem S. Torquemada.

—

Fabrica do Largo dos Leões

Nesta, esperamos algumas conclusões com relação á forma como se trabalha; que, segundo somos informados, a exploração é bem patente; não perdemos por esperar. O que não deixa duvida é que grande numero de operarios só ganham 3$000, o que na quadra que atravessamos é uma iniquidade.

O Chronista, NAGAM.

Ideal e Acção

O operario, o escravo moderno, como acertadamente é capitulado pela mentalidade poderosa de Tolstoi num livro inestimavel pelo seu alto valor moral e cientifico, persiste ainda, na sua grande maioria, em não querer devassar o abismo immenso da sua propria miseria com a vontade inflexive de emancipar se. Isto é, pelo mesmos, o que se nota entre as classes produtoras do Brasil. A falta de gosto pela organisação, o desprezo quasi absoluto por tudo quanto lhe diz respeito sobre o ponto de vista das lutas do trabalho contra o capital, demonstram d'uma forma patente, irrefragavel, o nosso atrazo, a triste apatia, com que sofrêmos a expoliação dos mais preciosos direitos do homem. Vivemos, não é exagero dizel-o num marasmo aviltante das nossas energias, como não sentindo o pudor da nossa propria dignidade.

Um desanimo acabarunhador abate os espiritos mais propensos á luta; e raros são o que não desertam o campo da ação logo às primeiras refregas por se convencerem de que empreza impossivel de ser levada a bom cabo é fazer chegár um pouco de entusiasmo pela questão social aos corações dos que vive u no cativeiro e ouomico n'este recanto obscuro da America.

Aqui se justifica plenamente o conceito juridico pelo qual os romanos legitimaram a propriedade das pessoas afim de fugir aos perigosos direito do «capeão»: o operario é e continuará indefinidamente sendo escravo porque *traz consigo a conciencia da sua condição servil.* Pelo menos assim o vemos no Brasil, e muito principalmente no Rio de Janeiro.

Senão que o diga a idolatria imbecil pelos doutores, pelos chefes, a sofreguidão com que intrometem estes intruções nas suas sociedades, a falta de amor proprio com que lhes delega amplos poderes para tratar dos seus interesses, submêtendo-se docilmente aos seus ditâmes. Só quem perto tenha andado de semelhante gente póde fazer uma idea exata do que vai porcà de fanatismo pelos medalhões, pelos mistificadores!... E' uma verdadeira doença. Rar s são os centros operarios que não contam dois, tres ou mais advogados, medicos, etc.; e estes mesm s são olhados com desconfiança pelos demais, vivem isolados por um terror supersticioso da tuba-multa.

Mas como a consciencia gera energias estraordinarias, êles combatem cada vez com mais ardor e, penosamente embora, vão conquistando a praça onde esperam içar o estandarte impavido que assinalará o triunfo da transformação Social.

Por isso, secundarei sempre a sua acção fecunda, comquanto me reserve o direito de agir livremente na defesa do ideal que julgo ser o unico adequado aos meus sentimentos, armonico ao modo de ver a vida feliz atravez de liberdade.

Pausilippo da Fanseca

AOS COLLABORADORES

Em virtude da grande abundancia de materia urgente e relativa á nossa classe, não podemos, neste numero, dar logar a quasi todos os artigos de collaboração que nos foram enviados.

Desculpem os nossos collaboradores.

Aviso aos companheiros

No numero 1 deste periodico, pediamos aos companheiros ainda devedores de bilhetes de entrada para as duas festas realizadas pela Liga no Eldorado, a 22 de março e a 9 de agosto de 1902, que satisfizessem quanto antes a sua divida, do contrario ver-nos-iamos obrigados a publicar os seus nomes.

Ficou quasi sem efeito o nosso apello. Pois saibam os companheiros em divida que de nenhum modo pode continuar tal situação.

A Liga tem um crédito de 202$000 reis em bilhetes!

Os companheiros que se apresentaram, prometendo-nos pagar, não o fizeram até hoje, com poucas excepções: parece que pretenderam ganhar tempo, deitar-nos poeira aos olhos.

Sabemos que alguns companheiros encarregados da venda dos bilhetes, receberam e embolsaram o dinheiro: ora nós não estamos dispostos a tolerar de boamente que se explore a nossa Liga.

Por isso, de novo convidamos os devedores a fazer o pagamento; quando não, *no proximo numero*, os seus nomes serão inexoravelmente publicados como desfrutadores da Liga.—A COMMISSÃO ADMINISTRATIVA.

Subscrição

a favor d' «O CHAPELEIRO»

Lista de T. Soderi: — Lamberto Ramenzoni, 2.000; Tebaldo Soderi, 1.000; Antonio Spolaore, 500; F. A., 500; A. Pacini, 500; C. Ferrari, 500; E. Volpari, 500: R. Baroncelli, 1.000; A. Baroncelli, 500; O. Venturi, 500; P. Badi, 500 . . . . . Rs. 8$000

Lista de João Mosquè: — Carlo Menzio. 1.000; João Mosqué, 1.000; Bruno Petroni, 500; João Augusto Azevedo, 1.000; Josè Ferreira, 500; José Narciso, 500; Alexandre Furci, 1.000; João França, 500; Felippe Avello, 500; Rs. 6$500

Lista de Luiz Bringhenti: — Affonso Contieri, 1 000; José Tomati, 500; Francisco Talarico, 500; Luiz Bringhenti, 1.000; Januario Pilade, 500; Angelo Valle, 500; Pedroni, 500; Umberto Galvani, 500 . . . . . Rs. 5$000

Lista de Francisco Venci: — F. Venci, 700; Enrique, 400; Tiburcio da Silva, 500 . . . . Rs. 1$600

Lista de Antonio Godoy: — Antonio Godoy, 500; José Branco, 500; Ruffo Pegollo, 500; José Guerrero, 500 . . . . . Rs. 2$000

Lista de Luiz Reis: — Luiz Reis, 500; Miguel Corpa, 500. Rs. 1$000

Lista de Alexandre Raimondi: — Luiz Bezzi, 2,000; Raimondi, 1.000; A. Marquez, 1.000; José Murcia, 1.000; Campagnoli, 500 Rs. 5$500

Lista de José Sternini: — Filisberto Boreggio, 500; Gennaro Nevola, 500; Gino Giordani, 500; Ugo Poltronieri, 1.000; Abramo Cavicchioli, 1.000; Antonio Mussaro, 1.000; José Sternini, 2.000; Silvio Giordani, 1.000; Benedicto, 500. . . . . Rs. 8$500

Da Associação União dos Chapeleiros *(Rio de Janeiro)*. . . Rs. 15$000

De *Sorocaba* . . . . . Rs. 5$500

Recolhido entre Pedreiros. . Rs. $900

Antonio Companha . . . . Rs. $500

Total Rs. 60$000

E. C. — Os leitores terão notado que a quantia de 27.500 que figura como donativo da liga na lista do numero anterior, não devia de figurar nesse logar desde que estava incluida na penultima parcella de 30.000. A somma total, porém, fica inalterada.

NOSSOS ENDEREÇOS

Brazil

Associação União dos Chapeleiros — Rua do Senhor dos Passos, n. 75-b. — *Rio de Janeiro.*

Portugal

Liga dos Chapeleiros — Poço do Borratem, 33.— *Lisboa.*

Liga dos Chapeleiros — *Rua do Bomjardim,* 800.— *Porto.*

A União (Cooperativa de Chapeleiros) — Rua Formosa.— *Porto.*

Hespanha

Federação dos Chapeleiros — Ensedra 2. 2.º — *Valencia.*

França

Fédération Internationale de la Chapellerie Siège Central Bourse du Travail — Rue du Château d'Eau, 3. — *Paris.*

Italia

Federação dos Chapeleiros (Camera del Lavoro) — Via Felice Cavallotti, 4.—*Monza.*

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Do Brazil:

O Amigo do «Povo,» São Paulo; «A Grève,» Rio de Janeiro; «O Trabalhador,» Rio de Janeiro; «Brazil Operario,» Rio de Janeiro; «La Nuova Jente,» São Paulo; «A Verdade» Baia.

De Portugal:

«Despertar,» Porto; «O Tecdo» Lisboa;

Da Italia:

«Il Cappellaio,» Monza;

Da Espanha;

«Il Produotor,» Barcelona-Cracia; «El Fieltro,» Valencia; «Tierra J.Libertad,» Madrid;

Da Argentina:

«La Organizaciòn Obrera,» Buenos-Aires; «El Dependiente Libre,» Buenos-Aires;

De França:

«Les Temps Nouveaux,» Paris;